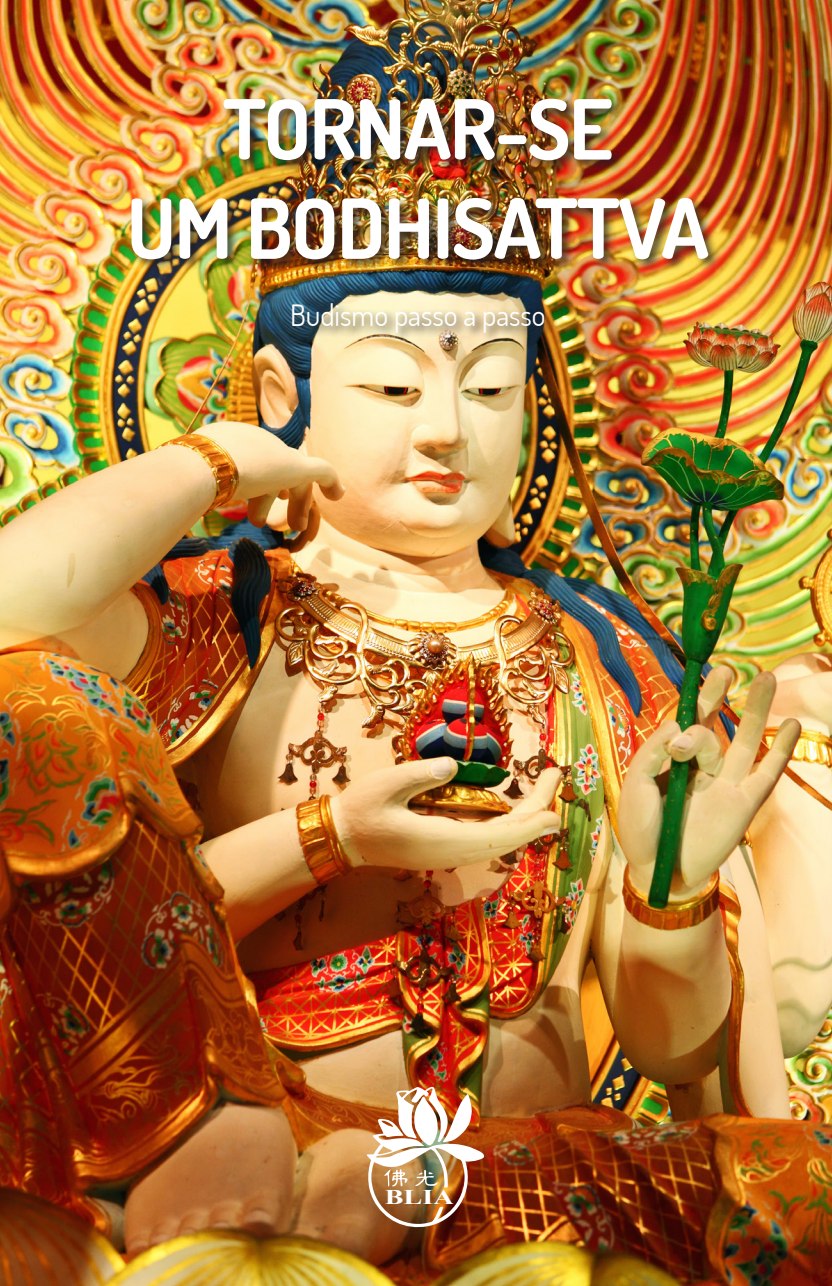
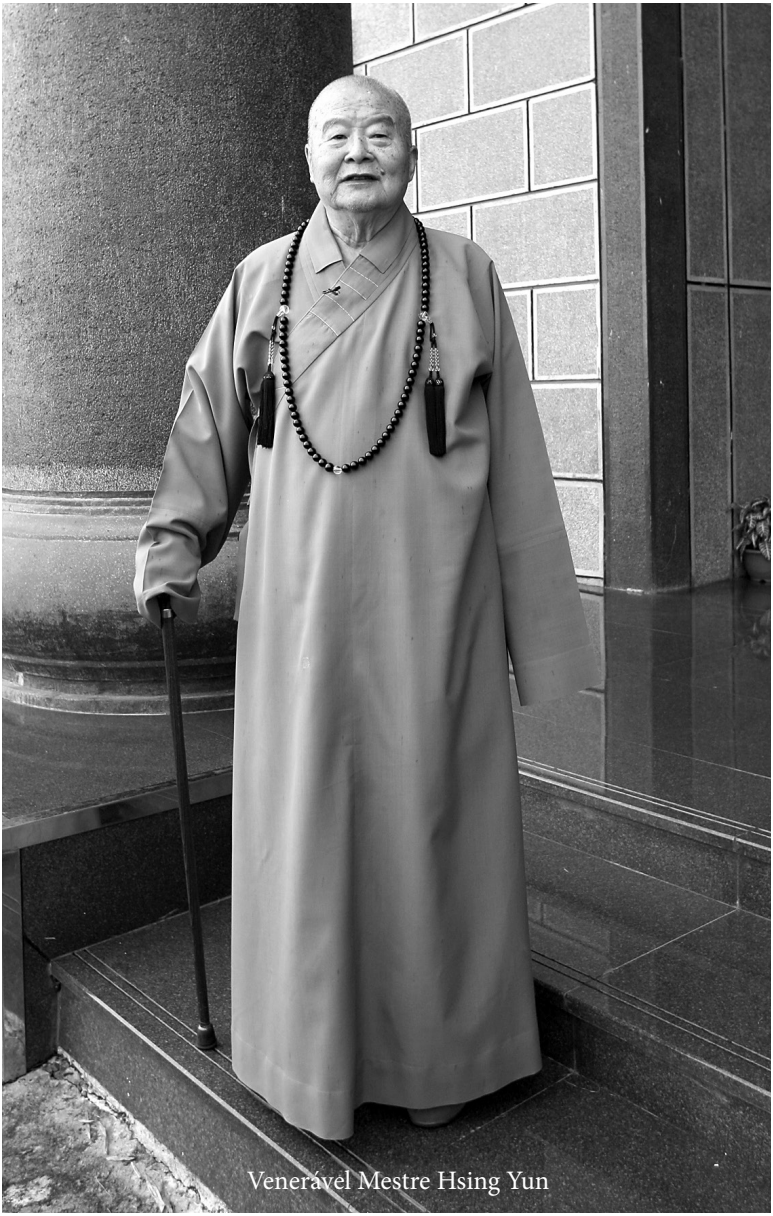
TORNAR-SE UM BODHISATTVA

Budismo passo a passo



佛光
BLIA



Venerável Mestre Hsing Yun

TORNAR-SE UM BODHISATTVA

Escrito pelo Venerável Mestre Hsing Yun
Tradução inglesa - Amy Lam
Tradução portuguesa - João Magalhães

Publicado por
Buddha's Light Publishing 3456 S. Glenmark Drive
Hacienda Heights, CA 91745 U.S.A.
© by Fo Guang Shan International Translation Center
Todos os direitos reservados.

CONTEÚDOS

Tornar-se um Bodhisattva 5

I. O Bodhisattva... Abnegação, Bondade e Compaixão 9

II. A Perspetiva Bodhisattva de Prajna e Sunyata 18

III. O Espírito Bodhisattva... Perseverança e Diligência 29

IV. A Prática do Bodhisattva - Metódica e Eterna 38

Centro Internacional de Tradução Fo Guang Shan 48

O Ghata da transferência de Mérito 49

Atividades da BLIA Portugal 50

Contatos 51

TORNAR-SE UM BODHISATTVA

Muitas vezes, quando falamos sobre os bodhisattvas, pensamos imediatamente no barro ou nas estátuas de madeira a que prestamos homenagem nos templos, ou evocamos imagens de pinturas ou esculturas que vimos destes indivíduos iluminados. A maioria das pessoas pensa nos bodhisattvas como divindades que têm muitos poderes sobrenaturais e são místicas, para além do alcance da visão humana. Pensamos nos bodhisattvas como seres que têm o toque de Midas, são capazes de comandar o vento e a chuva, e podem conferir-nos riqueza. Na verdade, os bodhisattvas não são divindades que se encontram acima de nós ou que estão para além da nossa compreensão; a presença dos bodhisattvas não é distante, mas sim aqui mesmo, no meio de nós. Os bodhisattvas não são ídolos a quem fazemos oferendas e prestamos respeito. Um verdadeiro bodhisattva encontra-se entre nós, pois um verdadeiro bodhisattva é alguém rico em bondade e compaixão e é mais sincero na libertação de todos os seres sencientes dentro dos seis reinos da existência.

Ao longo da história, houve muitos exemplos de homens e mulheres que viveram verdadeiramente no espírito de um bodhisattva. Por exemplo, o Mestre Ouyi da dinastia Ming era um dos quatro mestres de renome da época e era conhecido pela sua rigorosa observância dos preceitos. Embora fosse um bhiksu bem cultivado e uma figura chave no budismo chinês, não se considerava a si próprio como um bhiksu; em vez disso, chamava-se a si próprio um bodhisattva. Mais recentemente, há o exemplo do Mestre Taixu, que era conhecido pela sua compaixão e dedicação à revitalização do budismo chinês. Ele disse uma vez de si mesmo: "Um bhiksu eu não sou, nem me tornei um Buda; em vez disso, espero, ser chamado de bodhisattva". A partir disto, podemos ver que é mais aceitável chamar alguém de bodhisattva do que abordar alguém como um bhiksu. Há também o exemplo contemporâneo do Mestre Cihang, que jurou que, como testemunho da sua realização, o seu corpo físico não pereceria após a sua morte. Quando estava vivo, gostava de ser abordado como um bodhisattva. Após a sua morte, o seu corpo, de facto, não pereceu, e ainda é mantido em Xichi para que as pessoas prestem os seus respeitos. Para honrar o seu desejo, ele é chamado de "Cihang Bodhisa-

ttva", o que significa que ele é um bodhisattva de compaixão e pode transportar-nos através do mar de sofrimento.

A partir dos exemplos acima, podemos ver que todos nos podemos tornar bodhisattvas desde que tenhamos o compromisso de "procurar a Via de Buda e libertar todos os seres". De facto, descrevemos qualquer pessoa que tenha assumido tal compromisso como um "bodhisattva que tenha gerado a mente bodhi". Entre os budistas leigos, chamamos "bodhisattvas seniores" aos budistas leigos mais velhos, e aqueles que são novos na religião, "bodhisattvas com nova determinação". Os budistas leigos também se dirigem uns aos outros como "tal e tal bodhisattva". Assim, o termo "Bodhisattva" não se limita a indivíduos iluminados cujas estátuas vemos nos templos; de facto, dirigimo-nos a todos aqueles que estão determinados a embarcar no caminho de Buda como bodhisattvas.

O Mestre Taixu disse uma vez: "Uma pessoa verdadeiramente cultivada é, de facto, um Buda". O que isto significa é que, para alcançar a perfeição de um Buda, é necessário começar primeiro o cultivo como pessoa. De facto, os ensinamentos budistas do veículo humano são tão aplicáveis

para nós como para os bodhisattvas. Com determinação, qualquer um de nós pode tornar-se um bodhisattva. Mencius fez uma vez uma observação semelhante: "Tão honrado como o Imperador Shun foi, tão grande como Yu foi, qualquer pessoa determinada é, também". Claro que existem muitas fases de desenvolvimento do bodhisattva. Há os dez níveis de fé, os dez níveis de habitação, os dez níveis de prática, os dez níveis de dedicação ao mérito, e os dez fundamentos. Estas fases constituem os primeiros cinquenta das cinquenta e duas etapas de um bodhisattva em direção a Buda. A seguir a estas cinquenta etapas está a realização do esclarecimento universal. Avalokitesvara Bodhisattva e Manjusri Bodhisattva são exemplos desta etapa. O desenvolvimento de um bodhisattva não é diferente de passar pelo nosso sistema educativo. Embora os estudantes do ensino básico, médio e superior sejam todos chamados de estudantes, diferem no nível de conhecimentos adquiridos. O nosso objetivo é fazer um certo progresso no nosso desenvolvimento como bodhisattva. Mas então, como é que nos movemos através das fases de bodhisattva?

I. O BODHISATTVA... ABNEGAÇÃO, BONDADE E COMPAIXÃO

O desenvolvimento da fé religiosa exige uma disposição religiosa. Elementos-chave do desenvolvimento do Buda num indivíduo plenamente iluminado são a sua bondade e compaixão por todos os seres. Da mesma forma, o que torna um arhat um arhat é a sua inclinação para a paz do nirvana à medida que se afasta da existência mundana. Como somos todos diferentes em carácter e disposição - alguns de nós são amigáveis e generosos, enquanto outros são distantes e reclusos - é bom saber que tipos de pessoas estão mais inclinados a tornar-se bodhisattvas. Para responder a isto, é preciso primeiro compreender o que constitui o carácter de um bodhisattva. Estas palavras descrevem melhor o carácter da abnegação de um bodhisattva, bem como a bondade e a compaixão. A abnegação trabalha de mãos dadas com bondade e compaixão: com o sentimento de abnegação vem a sensibilidade da bondade e da compaixão, e do espírito de bondade e compaixão surge a sabedoria da abnegação.

Vamos primeiro compreender o significado incorporado da palavra “bodhisattva”. Esta é uma palavra sânscrita composta por duas partes. A primeira parte “bodhi” significa esclarecimento, enquanto a segunda parte “sattva” se refere a qualquer ser senciente. Assim, se analisarmos o termo “bodhisattva”, ele encarna “iluminação e sentimento”, e significa “um ser senciente com a mente para a verdade”. Há dois aspetos no termo “esclarecimento e sentimento”. Primeiro, fala do empenho e dedicação em procurar a iluminação, por outras palavras, dos próprios esforços na obtenção da sabedoria suprema. Assim, também descrevemos um bodhisattva como alguém que procura o caminho. Em segundo lugar, o termo “iluminação e sentimento” fala da devoção de levar a iluminação a todos os seres sencientes, por outras palavras, os esforços em benefício de todos. Esta é a manifestação de grande bondade e compaixão, e explica porque é que também descrevemos um bodhisattva como alguém que liberta seres sencientes. Assim, podemos ver que um bodhisattva encarna, por um lado, o arhat com espírito de transcender o mundo e procurar a verdade última e, por outro lado, a compaixão e zelo de Buda em querer libertar todos os seres

sencientes. De facto, um bodhisattva é aquele que "procura a Via de Buda e liberta todos os seres", um praticante esclarecedor que encontra realização na realização dos outros.

Quando pensamos em bodhisattvas, pensamos inevitavelmente na sua bondade e compaixão. Tal como os arhats, os bodhisattvas esforçam-se por praticar a libertação. Ao contrário dos arhats, os bodhisattvas são ricos na sua grande gentileza e compaixão. Quando os bodhisattvas testemunham o nosso sofrimento, as suas chamas de bondade e compaixão acendem-se, e prometem ajudar-nos a libertar-nos do sofrimento. Isto contrasta com os arhats, que desenvolvem o cansaço pela existência mundana quando veem através dos conflitos do mundo e do sofrimento do renascimento. Os arhats, portanto, estão concentrados em alcançar a libertação e entrar no nirvana. Na literatura budista, comparamos o caminho dos bodhisattvas com "grandes veículos" que podem transportar seres sencientes através do mar de sofrimento, enquanto o caminho dos arhisattva é frequentemente descrito como "pequenos veículos" que estão disponíveis para o seu próprio uso pessoal. Embora os objetivos dos bodhisattvas e

dos arhats sejam semelhantes, eles diferem na sua abordagem. A diferença reside na compaixão dos bodhisattvas, que dá aos bodhisattvas a sua empatia para com a dor dos outros. A bondade e a compaixão são, de facto, as fontes de energia que fornece aos bodhisattvas a força para praticar o espírito mahayana de alcançar a realização para si próprio através da realização dos outros.

O que são, então, gentileza e compaixão? Os sutras descrevem a bondade e a compaixão como o fundamento do Dharma. É por bondade e compaixão que o Buda ensinou o Dharma durante mais de quarenta anos, deu mais de quarenta mil palestras de Dharma, e deixou-nos os numerosos ensinamentos do Tripitaka. A partir disto, podemos ver o enorme significado da bondade e da compaixão! A bondade refere-se à partilha da alegria (alegria celestial, alegria meditativa, e a alegria do nirvana) e a compaixão refere-se à remoção da dor, a dor indescritível de renascer nos três reinos de sofrimento dos animais, fantasmas famintos, e o inferno. Com grande bondade amorosa, os bodhisattvas curam-nos das nossas doenças; com grande compaixão, os bodhisattvas compreendem a nossa dor. Esta forma de grande bondade e compai-

xão é marcadamente diferente e é um passo além das emoções amorosas e carinhosas com as quais estamos familiarizados. É muito mais profunda no seu significado e muito mais abrangente. A bondade e compaixão que os bodhisattvas têm pelos seres sencientes pode ser descrita como uma mistura do amor paterno severo e do amor maternal terno que os nossos pais têm por nós, sempre disponíveis e dispostos a sacrificar-se pelo nosso bem-estar. A grande bondade e compaixão dos bodhisattvas podem ser comparados ao calor do sol, disponíveis para todos sem discriminação e são ilimitados. Ouvem todos os nossos apelos sem reservas. Usando a sua sabedoria prajna e o poder da bondade e da compaixão, os bodhisattvas adaptam a sua ajuda às nossas diversas situações à medida que nos guiam através do mar de sofrimento. O melhor exemplo de um bodhisattva é, evidentemente, o grande Avalokitesvara Bodhisattva, cuja compaixão e bondade é universalmente conhecida. Com grande compaixão, Avalokitesvara Bodhisattva fez os doze grandes votos de ajudar todos os seres sencientes a atravessar o mar do sofrimento. Quando pedimos ajuda e orientação à Avalokitesvara Bodhisattva, a Avalokitesvara Bodhisattva manifesta-se de diferentes formas para

nos ajudar, independentemente de onde estamos. Com base na situação e na necessidade, Avalokitesvara Bodhisattva manifestou-se como um ser celestial, como uma mulher, e como um jovem rapaz. Avalokitesvara Bodhisattva tem sido vista a carregar um cesto de peixe, a montar um dragão, a viver entre bambus, e a segurar um ramo de salgueiro. De facto, usamos frequentemente o termo "as trinta e duas manifestações de Avalokitesvara Bodhisattva" para descrever as muitas manifestações de Avalokitesvara Bodhisattva que vêm em nosso auxílio durante os nossos tempos de crise. Esta mesma capacidade de se manifestar de diferentes formas dependendo da situação é, de facto, um resultado direto da grande e abnegada compaixão do Bodhisattva.

Levando isto um passo adiante, o outro lado da bondade e da compaixão é o altruísmo. No coração e na mente dos bodhisattvas, não há ego, apenas seres sencientes. Independentemente do que precisamos - seja dinheiro, propriedade, ou mesmo a sua vida - os bodhisattvas dão-nos de bom grado sem reservas. No Jataka Sutra, um sutra sobre as vidas anteriores do Buda, há uma história sobre uma época em que o Buda cultivava para ser um

bodhisattva. Nesta vida em particular, o Buda também nasceu como príncipe. Um dia, quando estava a viajar na floresta com dois dos seus irmãos, viu debaixo de um penhasco uma mãe tigre que tinha acabado de dar à luz sete filhotes de bebé. Devido ao exagero, a mãe tigre tornou-se tão fraca que a sua vida estava pendurada na balança. Entretanto, as crias estavam todas a chorar para serem amamentadas. Quando o príncipe viu como a situação era triste, a sua compaixão surgiu nele, e decidiu sacrificar a sua vida para salvar a vida da mãe tigre. Distraiu os seus dois irmãos e saltou para a mãe tigre, para se oferecer como refeição para ela. A mãe tigre era, contudo, tão fraca que nem sequer tinha forças para se alimentar dele. Ansioso para salvar a tigresa, ele usou um pedaço afiado de bambu para se degolar. Com o sangue a jorrar, e ignorando a sua própria dor, o príncipe arrastou-se lentamente para o lado da mãe tigre, para que ela pudesse beber o seu sangue. Ao renunciar à sua vida, ele foi capaz de salvar a vida da mãe tigre e das suas crias. No Sutra Jataka, há outra história sobre outra vida do Buda quando ele era rei. O rei amava os seus súbditos e era muito generoso com o seu povo. Estabeleceu postos em toda a sua terra para dar alívio a quem dele necessitasse. Hou-

ve mesmo um incidente quando ele tentou salvar a vida de um pombo cortando um pedaço da sua carne para alimentar um falcão.

A bondade e a compaixão permitiram ao príncipe esquecer os seus próprios medos e renunciar à sua própria vida por causa dos outros. Com bondade e compaixão, os bodhisattvas realizam muitos atos abnegados para os seres sencientes. Devido à rica bondade e compaixão que os bodhisattvas têm pelos seres sencientes, eles perdoam muito as nossas loucuras e erros. Estão tão dispostos a fazer sacrifícios sem consideração por si próprios que chegam ao ponto de altruísmo. Sem arrependimentos e medos, os bodhisattvas praticam a sua grande bondade e compaixão, como no ditado: "Para bem dos seres sencientes, estou disposto a separar-me de tudo". O Sutra do Lótus diz: "Com a força de grande bondade e compaixão, os bodhisattvas libertam todos os seres sencientes que sofrem". Os bodhisattvas, que já passaram por inúmeros kalpas de cultivo, já cortaram todas as ilusões e alcançaram uma vida pura. Assim, poderiam ter entrado no reino pacífico do nirvana, mas por compaixão pelos seres sencientes, decidem ficar dentro da roda de renascimento para os

guiar através do mar de sofrimento. Mostram-lhes os métodos do Dharma, rodam a roda do Dharma, e até se comprometem a renascer nos três reinos inferiores para ajudar os seres sofredores desses reinos. Quando Ksitigarbha Bodhisattva viu seres sencientes a sofrer nas chamas kármicas do inferno, perguntou-se a si próprio: "Se eu não entrar pela porta do inferno, quem o fará? Então, ele prometeu: "Juro não me tornar um Buda até que todos os infernos estejam vazios". Isto significa que ele, Ksitigarbha Bodhisattva, vai adiar a sua realização de Buda enquanto houver um único ser a sofrer no inferno.

Do acima exposto, podemos ver que a bondade e a compaixão são a causa subjacente para que alguém se torne um bodhisattva. A bondade e a compaixão dão força aos bodhisattvas para nos ajudarem a atravessar o mar de sofrimento; é o fundamento do espírito Mahayana. A compaixão germina da sabedoria do altruísmo, é incrivelmente poderosa e forte. Se todos pudermos ter apenas um pouco do "carácter bodhisattva", o nosso mundo será um lugar muito melhor; os conflitos diminuirão e a harmonia florescerá!

II. A PERSPETIVA BODHISATTVA DE PRAJNA E SUNYATA

Na secção acima, discutimos a compaixão como a característica distintiva dos bodhisattvas. Em Além de serem cheios de bondade e compaixão, os bodhisattvas são também muito realizados na área da sabedoria prajna. Quando a bondade e a compaixão estão integradas com a sabedoria prajna, não serão aplicadas cegamente sem distinguir o que é certo do que é errado. Esta é a bondade e a compaixão que os bodhisattvas têm por nós seres sencientes. Por exemplo, se partilharmos a nossa generosidade com alguém que é um jogador compulsivo, estamos a fazer-lhe mais mal do que bem. Assim, só quando a compaixão é misturada com a sabedoria prajna é que ajudará os outros a fazer o bem. Não devemos confundir a compaixão com o amor paternal cego que pode estragar uma criança, ou com atos triviais de permissividade que podem encorajar o mau comportamento. A bondade e a compaixão são como as nossas duas pernas que nos tornam móveis, e a sabedoria prajna é como os nossos dois olhos que nos ajudam a

distinguir o verdadeiro do falso. Para embarcar no caminho do bodhisattva, a bondade e a sabedoria prajna têm de se complementar.

O que é, então, a sabedoria prajna? Sabedoria prajna é a sabedoria que nos permite ver através das diferenças mundanas, tais como capaz versus inepto, físico versus mental, ou eu versus outros. Sabedoria prajna é a "mente não-discriminatória", onde o apego à noção discriminatória de si e de outros objetos está ausente. Por outras palavras, a sabedoria prajna permite-nos compreender o sunyata (vazio), que o eu e o universo são mutuamente interdependentes, e todos os seres sencientes e o eu são um só. De um ponto de vista mundano, o nosso mundo está cheio de diferenças tais como alto e baixo, pobre e rico, imundo e puro, ou ignorante e inteligente. Do ponto de vista da sabedoria prajna, porém, todas estas diferenças nos fenómenos não existem num sentido absoluto, não são mais do que o resultado de causas e condições variáveis. Todos os fenómenos do universo - sejam eles físicos ou mentais, sejam eles próprios ou dos outros - não existem por si mesmos, mas como resultado de uma combinação de muitos fatores. Este é o reino do Dharma da unicidade. Neste es-

tado de espírito, todas as diferenças são iguais; a verdade e os fenómenos são integrados.

Os Bodhisattvas vivem neste reino de sabedoria prajna. Assim, os bodhisattvas não olham para os seres sencientes como se estivessem separados deles próprios. Os seres sencientes são os seus corações e mentes, e os seus corações e mentes são seres sencientes. As nossas alegrias e tristezas são, de facto, as suas alegrias e tristezas. As nossas jornadas na roda do renascimento são também as suas jornadas. Quando ficamos doentes, os bodhisattvas também adoecem. Quando agimos de forma ilusória, os bodhisattvas também sentem a nossa dor. Devido às suas "mentes não discriminatórias", os bodhisattvas veem os seres sencientes como eles próprios. Eles manifestam-se contínua e incansavelmente no nosso mundo para nos ajudarem a limpar as nossas próprias ilusões e a limpar o nosso próprio karma. Ao fazê-lo, chegam ao estado de espírito de "purificar o mundo com grande compaixão", no qual tudo se torna possível. Com a grande sabedoria da mente não discriminatória, os bodhisattvas atingem o derradeiro bodhi (iluminação) e conduzem magistralmente os seres sencientes ao caminho da iluminação.

Com pura e grande compaixão, os bodhisattvas trabalham diligente e eficazmente para libertar os seres sencientes da sua ignorância. Grande sabedoria é auto-benefício, pois permite aos bodhisattvas lutar pelo estado de derradeiro bodhi; grande compaixão beneficia os outros, pois motiva os bodhisattvas a permanecer dentro da roda do renascimento para ajudar os outros a atravessar o mar de sofrimento. Beneficiar-se a si próprio é beneficiar os outros e beneficiar os outros é beneficiar a si próprio. Esforçar-se pela iluminação é o mesmo que estar disposto a permanecer dentro da roda do renascimento para ajudar os outros e permanecer dentro da roda do renascimento para ajudar os outros é o mesmo que esforçar-se pela iluminação. Os olhos da sabedoria prajna e os pés da compaixão complementam-se uns aos outros, e nenhum deles pode faltar. A sabedoria prajna e a compaixão são as duas faces de uma moeda. Há dois, mas há um; há um, mas há dois. Sabedoria prajna e compaixão são a base dos princípios do bodhisattva.

Quando os bodhisattvas cultivam a sabedoria prajna do vazio, dão tudo de si, são profundamente dedicados, e não hesitarão em desistir das suas

vidas como parte do seu cultivo. No Tripitaka da Tradição do Sul, há um registo sobre uma das vidas anteriores do Buda durante o tempo em que o Buda Dipankara esteve vivo no mundo. Buda Sakyamuni era então um Brahman com o nome de Sumedha. Era muito amável e ansioso por aprender sobre o Dharma. Prestava frequentemente homenagem à Joia Tríplice: o Buda, o Dharma e a Sangha. Um dia, Sumedha soube que o Buda Dipankara vinha ensinar na sua aldeia. Ficou encantado e estava determinado a não perder esta oportunidade de ouvir o Dharma. Ele pensou para si próprio: O caminho que conduz a esta aldeia remota é acidentado e traiçoeiro. Como posso deixar os pés de uma pessoa santa como o Buda Dipankara caminhar por um caminho tão sujo? Com isto em mente, ele tirou as suas roupas e usou-as para cobrir a estrada que o Buda tinha de usar. Também se prostrou no chão e deixou cair os seus cabelos para que o Buda Dipankara e os seus muitos discípulos arhat andassem sobre ele. Com indescritível alegria, deu as boas-vindas ao Buda Dipankara. Quando levantou a cabeça e viu o olhar majestoso e augusto de Buda Dipankara, o seu coração estava cheio de admiração e disse: "No céu acima e na terra abaixo, não há ninguém

como Buda, nem pode ser feita uma comparação com os mundos de dez direções. Vi tudo o que este mundo tem para oferecer, mas não há absolutamente ninguém como o Buda". Nesse momento, prometeu ajudar todos os seres sencientes a atravessar o mar do sofrimento e alcançar o mesmo efeito certo, ou seja, a iluminação, que o Buda Dipankara. Foi devido à sua diligência e esforço em aprender o Dharma que Sumedha alcançou Buda nove kalpas antes do Bodhisattva Maitreya.

O Sutra Astasahasrika-prajnaparamita (Sutra Oito Mil Versos de Prajna) regista a comovente história do Bodhisattva "Sempre a Chorar". A essência da história é que o Bodhisattva "Sempre a Chorar" entristeceu-se muitas vezes com a dificuldade de conhecer um professor virtuoso e conhecedor. Ele preocupava-se muitas vezes por não poder ouvir o Dharma e assim não poder crescer em Sabedoria prajna. Esta aflição trazia muitas vezes lágrimas aos seus olhos, razão pela qual as pessoas se referiam a ele como Bodhisattva "Sempre a Chorar", ou chamavam-lhe Bodhisattva "Sempre Lúgubre". De verdade, ele viajou por todo o lado para encontrar o professor certo que lhe pudesse ensinar o que não sabia. Uma vez, aprendeu que

cerca de quinhentas yojanas a leste havia uma cidade chamada a Cidade das Fragrâncias. Ali vivia um professor culto e realizado, chamado Bodhisattva Dharmauttara. Deliciosamente, o Bodhisattva "Sempre a Chorar" estava determinado a viajar para lá para ouvir o Dharma. Também decidiu contratar-se como servo para poder usar o dinheiro para oferecer ao Bodhisattva Dharmauttara. Na estrada, continuava a perguntar aos transeuntes se estavam dispostos a pagar-lhe para ser seu criado. No entanto, não havia quem aceitasse, até aparecer um grande homem corpulento. Este homem corpulento ofereceu-se para comprar uma das suas partes do corpo ou órgãos para ser usada como sacrifício. O Bodhisattva "Sempre a Chorar", determinado a procurar o Dharma, não hesitou em cortar um dos seus braços para vender ao homem corpulento. Esta história depressa chegou à filha de um rico comerciante local, e ela foi tocada. Preparou então quinhentos carrinhos de pedras preciosas e seguiu o "Sempre a Chorar" até à Cidade das Fragrâncias. Depois, quando o "Sempre a Chorar" ouviu o Bodhisattva Dharmauttara a ensinar "O sucesso nunca vai e nunca vem; a natureza do vazio é, de facto, o sucesso", tornou-se imediatamente iluminado. Ele entrou em profunda con-

centração meditativa e viajou livremente no mar da sabedoria prajna.

Da seriedade demonstrada por Sumedha e do Bodhisattva "Sempre a Chorar" na sua busca do Dharma, podemos ver a preciosidade da sabedoria prajna e a compreensão de sunyata. O Sutra da Grande Perfeição da Sabedoria diz: "Prajna paramita é a mãe de todos os bodhisattvas e mahasattvas; é a fonte do Dharma". No caminho para se tornar um bodhisattva, o cultivo da sabedoria prajna é da maior importância. Pode ser comparado com a alimentação do leite materno para ajudar uma criança a crescer. Do mesmo modo, é com os nutrientes ricos do Dharma que os bodhisattvas crescem gradualmente e amadurecem no seu desenvolvimento espiritual. À medida que cultivam a sabedoria prajna de sunyata, começam a perder o tédio da ilusão até finalmente alcançarem o estado original puro da mente do vazio. Neste estado, podem verdadeiramente sentir o significado de vazio - sem qualquer noção de eu, qualquer noção de outros, qualquer noção de seres sencientes, e qualquer noção da duração da vida. Quando a compaixão é combinada com a sabedoria prajna, a nossa compaixão não se agarrará a qualquer no-

ção de seres ou fenómenos sencientes. Esta compaixão, que é vazia da noção de si e dos outros, pode ser descrita como "Grande compaixão sem quaisquer condições, e grande bondade como todos nós somos um". É por isso que os sutras descrevem frequentemente prajna paramita como a mãe dos Budas do passado, do presente e do futuro.

Em todas as terras de Buda, vivem muitos bodhisattvas que ajudam os Budas a libertar os seres sencientes. Alguns são conhecidos pela sua compaixão, enquanto outros são conhecidos pela sua sabedoria prajna. Entre os muitos bodhisattvas, estamos mais familiarizados com aqueles bodhisattvas que são frequentemente retratados como Budas de flanco. No mundo Saha, o Bodhisattva Manjusri e o Bodhisattva Samantabhadra são conhecidos por ajudarem o Buda Sakyamuni. Na Terra Pura Ocidental da Felicidade Suprema, o Bodhisattva Mahasthamaprapta e o Bodhisattva Avalokitesvara acompanham o Buda Amitabha para acolher seres sencientes na Terra Pura. A Terra Pura Oriental de Cristal Puro tem o Bodhisattva "de Luz Solar" e o Bodhisattva de "Luz Lunar". Destes bodhisattvas, Manjusri, Mahasthamaprapta, e a "Luz do Sol" são conhecidos pela sua sabedoria

prajna. Podem ser retratados como montando um leão feroz viajando e ensinando o Dharma, ou usando a luz da sabedoria para atravessar a escuridão da ilusão, ou segurando a roda do sol para nos inundar de luz. Independentemente de como são retratados, todos trazem consigo a espada da sabedoria prajna, com a qual cortam todas as aflições e delírios.

Com grande sabedoria, os bodhisattvas veem através do vazio dos cinco agregados e compreendem completamente que todos os fenómenos estão vazios. À medida que adquirem uma visão da verdade, vivem de acordo com a verdade e não abrigam qualquer prisão ou apego. Por compaixão pelos seres sencientes, não suportam abandonar-nos, mas prometem ajudar-nos a atravessar o mar de sofrimento. Para cumprirem os seus votos, manifestam-se frequentemente no nosso mundo e viajam dentro dos três reinos para tentarem chegar até nós. Apesar de saberem que todos os fenómenos são vazios, não existe um eu que possa ser libertado, e não existem seres sencientes a serem libertados, eles continuam de todo o coração a libertar todos os seres sencientes. Há um poema chinês que capta adequadamente este espírito.

Estabelecer lugares para ensinar o Dharma sabendo que são apenas reflexos da lua sobre a água.

Realizar atividades de Dharma sabendo que são

nada mais do que flores no céu.

Subjugar o exército maléfico sabendo que ele só existe no espelho.

Procurar o Budismo sabendo que está vazio como um sonho.

Em resumo, os bodhisattvas usam a sua grande sabedoria para praticar a sua grande compaixão; eles usam a sua grande bondade para completar a sua grande sabedoria. Quando tanto a sabedoria prajna como a compaixão estão plenamente integradas e podem ser empregues com facilidade, então atingimos o derradeiro bodhi. Com este bodhi, podemos ser mundanos, mas transcendentais, transcendentais mas mundanos.

III. O ESPÍRITO BODHISATTVA... PERSEVERANÇA E DILIGÊNCIA

Na nossa sociedade moderna, a velocidade é tudo. Na tentativa de alcançar uma velocidade cada vez maior, temos aviões, naves espaciais, telegramas, panelas de pressão, e massa instantânea. À medida que nos esforçamos por ter maior velocidade em tudo, temos ainda de admitir que não há atalhos para construir o carácter de uma pessoa, e uma árvore não pode crescer até à sua altura máxima num só dia. Há um ditado que diz que "A nutrição das árvores leva décadas; a nutrição da humanidade é medida em séculos". Certas coisas não podem ser apressadas. Se queremos ser especialistas em alguma coisa, temos de passar pelo menos três a cinco anos nesse campo. O caminho para ser um bodhisattva é apenas o mesmo - não há atalhos para ele. São precisos anos, vidas e até kalpas de cultivo para que alguém se torne um bodhisattva. Nas Olimpíadas, a maratona é o evento que é melhor para testar a perseverança e resistência de uma pessoa. Em termos simples, o caminho dos bodhisattva de libertação

de seres sencientes e de procura do Buda é análogo ao de uma maratona. Os sutras dizem-nos que para os bodhisattvas se tornarem Budas, têm de cultivar para três grandes asamkhya kalpas e praticar todos os tipos de métodos de Dharma. Depois disto, ainda têm de passar por cem kalpas até terem acumulado todos os tipos de sementes de bodhi e atingido o aspeto majestoso de trinta e dois marcos de excelência e oitenta características físicas notáveis. Por outras palavras, a viagem através do caminho da verdade deve ser feita um passo de cada vez. Os bodhisattvas devem ser firmes na sua paciência e resistência, trabalhando no seu progresso sem caducar. Só com o teste do tempo é que se pode alcançar a iluminação. Assim, o espírito bodhisattva é caracterizado pela perseverança, paciência, resistência e diligência.

Como se desenvolve o espírito de perseverança e diligência dos bodhisattvas? Vem do desenvolvimento do seu bodhicitta. O Sutra Estágios de Bodhisattva diz: "Quando todos aqueles que pertencem à família dos bodhisattvas geram a mente e a prática bodhi com esforço e diligência corretos, podem prontamente alcançar a iluminação". A mente bodhi é a semente do Buda; é o solo rico em

que podemos cultivar o Dharma puro. A mente de Bodhi pode lavar afastar todas as aflições e pode erradicar a ilusão dos seres sencientes. A mente Bodhi é como uma cama macia e confortável, na qual os bodhisattvas podem embalar os corpos cansados dos seres sencientes. Com a mente bodhi, os bodhisattvas não se deixam intimidar pela longa e árdua viagem a Buda; podem distanciar-se dos três reinos e habitar no oceano de Dharma da verdade. A mente Bodhi é a dedicação dos bodhisattvas em não desistir dos seres sencientes, pois estes frequentam o mar do sofrimento para se tornarem navios dispostos a serem utilizados por seres sencientes como ferries. Este espírito de perseverança e diligência é a manifestação da mente de bodhi. Tudo somado, o desenvolvimento da mente corporal também marca o início de todos os grandes votos. A mente de bodhi é o fundamento de todos os caminhos do bodhi e a luz orientadora da compaixão. Sem mente bodhi, os bodhisattvas não serão capazes de olhar para além das nossas transgressões e trabalhar para o nosso aperfeiçoamento. O Sutra da Adoração das Flores diz: "Esquecer a mente de bodhi mas cultivar a salubridade é chamada a ação de mara". Assim, se queremos cultivar o caminho do bodhi Mahayana,

temos primeiro de gerar a nossa mente bodhi. O jovem Sudhana descobriu isto de uma forma rotunda. Depois de ter viajado para aprender com cinquenta e três professores virtuosos, conheceu o Bodhisattva Maitreya, que lhe disse que primeiro deve gerar a sua mente bodhi. O Bodhisattva Maitreya também lhe disse que assim que gerasse a sua mente corporal, todos os Budas o guiariam e lhe mostrariam o caminho da compaixão Mahayana, um caminho que até sravakas e pratyekabuddhas ainda não tinham alcançado. Deste conselho que o Maitreya Bodhisattva deu a Sudhana, podemos ver a importância de gerar a mente bodhi.

Dado que a mente corporal é tão importante, o que é exactamente a nossa mente corporal? Em termos simples, a nossa mente bodhi é o nosso compromisso de "procurar o Caminho de Buda e libertar todos os seres". Este é um assunto tão importante que a Escola Superior de Budismo Chinês em Fo Guang Shan inclui sempre o estudo de Uma Inspiração para Dar Ascensão à Mente Bodhi na sua sessão introdutória para novos estudantes. Esta peça foi escrita pelo Mestre Shengan da dinastia Qing, o Nono Patriarca da Escola de Budismo de Lotus. Muitas pessoas hoje em dia evitam

o trabalho de conforto, e os valores morais estão em declínio. O tema de nos lembrarmos de estar atentos às dez causas e condições pode ajudar-nos a descobrir a nossa mente corporal. Estar atento às dez causas e condições é estar grato aos Budas, estar grato aos nossos pais, estar grato aos nossos professores, estar grato aos nossos benfeitores, estar grato a todos os seres sencientes, estar atento ao sofrimento da vida e da morte, respeitar o nosso próprio ser espiritual, arrepender-se dos obstáculos kármicos, aspirar ao renascimento na Terra Pura, e estar atento à importância de preservar o Dharma durante muito tempo. Nos sutras e tratados sobre a mente corporal, é-nos dito que para sermos bodhisattvas, temos de descobrir a nossa mente corporal contemplando todos os Budas, observando os sofrimentos do corpo físico, sendo bondosos e compassivos para com todos os seres sencientes, e procurando o nobre fruto da iluminação. Contemplar todos os Budas é imitar todos os Budas, ser uma grande pessoa, ter grande coragem, estar disposto a sacrificar a nossa riqueza e mesmo as nossas vidas, e procurar a iluminação. Observar o sofrimento do corpo físico é compreender que os quatro grandes elementos e os cinco agregados são ilusórios como sonhos, ilu-

sões, bolhas e sombras. Ser bondoso e compassivo para com os seres sencientes é ser bondoso e compassivo para com a ignorância dos seres sencientes, que agem em ilusão sem sequer se aperceberem disso, e assim tornarem-se determinados a libertar todos os seres sencientes. Se o conseguirmos fazer, teremos gerado a mente do corpo.

A grandeza dos bodhisattvas, a sua perseverança, e a sua diligência não são o que a maioria de nós pode viver. Os bodhisattvas, contudo, não são omnipotentes e não são divinos. Os Budas não são deuses, e o mesmo se aplica aos bodhisattvas. Os bodhisattvas são seres individuais como tu e eu; a diferença é que eles geraram a mente de bodhi e podem perseverar com diligência. Os sutras falam de um incidente durante o qual o Buda estava a ensinar a um grupo de pessoas e a maioria dos que estavam a ouvir aceitaram e receberam o Dharma com grande alegria. Houve um indivíduo que estava mais distraído e não podia prestar atenção ao Dharma puro e maravilhoso. O Buda usou o seu poder sobrenatural e falou com muita eloquência, paciência e compaixão. Mesmo assim, esta pessoa teimou em recusar-se a aceitar o Dharma. Os sutras, portanto, dizem-nos que há

três coisas que o Buda não pode fazer: anular as forças kármicas, libertar aqueles sem afinidade e condições necessárias e libertar todos os seres sencientes sem descanso. Embora Budas e bodhisattvas compreendam que não podem libertar o número incontável de seres sencientes e não podem libertar aqueles sem afinidade, a enormidade do seu objetivo é igualada pela sua mente corporal que é igualmente imensa e sem limites. Assim, ainda se esforçam incessantemente para alcançar o impossível e continuam a trabalhar incansavelmente para concluir uma tarefa sem fim. O seu bodhicitta é como um riacho que corre do pacote de neve descongelada dos Himalaias - sempre a fluir. Quando as condições estiverem maduras, derreterão o nosso longo espírito congelado.

No Sutra do Lotus, há um bodhisattva chamado Bodhisattva "Que Nunca Desespera" que praticou a paciência e a tolerância. Com as palmas das mãos unidas e o maior respeito, ele cumprimentava todos os que encontrava dizendo: "Não me atrevo a desrespeitar-vos, pois sois um futuro Buda". Agora, algumas destas pessoas praticavam outras religiões e não estavam muito contentes por serem tão saudadas. Não só não devolveram

a civilidade, como até amaldiçoaram atirou-lhe pedras, ou acenou-lhe com um bastão. Como o Bodhisattva "Que Nunca Desespera" não queria agravar a situação, ele recuaria respeitosamente enquanto ainda murmurava para si mesmo: "Não ouso faltar-lhe ao respeito, pois você é um futuro Buda". A partir disto, podemos ver que, aos olhos dos bodhisattvas, todos nós somos futuros Budas que atualmente estão cegos pela nossa ilusão, como uma joia preciosa que perdeu temporariamente o seu brilho depois de cair na lama. Inúmeros kalpas após incontáveis kalpas, os bodhisattvas prometem a sua bodhicitta e praticam a sua grande compaixão. Com paciência inigualável e respeito sem fim, acordam-nos para nos ajudar a descobrir a nossa própria natureza pura. O Buda Amitabha é um exemplo perfeito deste tipo de espírito. Numa das suas vidas anteriores, ele foi o Bodhisattva Dharmakara a cultivar para se tornar um Buda. Foi durante esta vida que ele fez os quarenta e oito grandes votos, cuja força manifesta a majestosa Terra Pura. O Bodhisattva Dharmakara prometeu que se houvesse apenas um ser dentro da sua Terra Pura que não tivesse descoberto a sua mente corporal, ele próprio não alcançaria a condição de Buda. Assim, a Terra Pura da Felicida-

de Suprema é reservada aos bodhisattvas que praticam continuamente sem regressão e têm como objetivo alcançar a budeidade numa vida.

Não há atalhos para o espírito bodhisattva. Começa com a iniciação da mente do corpo e manifesta-se em contínua perseverança e diligência sem fim. A iniciação da mente do bodhi marca a transformação do ordinário para o transcendental e é o primeiro passo no caminho do Buda.

IV. A PRÁTICA DO BODHISATTVA - METÓDICA E ETERNA

O budismo tem sido descrito tanto como uma filosofia como uma religião. Porquê? Os ensinamentos budistas são profundos e deram-nos muito conhecimento sobre vários fenómenos da vida e do universo. Difere também de outras religiões no sentido em que dá espaço para que se tenha dúvidas relativamente aos ensinamentos. Nestes aspetos, o budismo é muito semelhante a uma filosofia. Embora o budismo seja muito lógico, não se detém apenas com perseguições teóricas. Coloca uma grande ênfase na prática; assim, é também descrito como uma religião. O próprio Buda é um exemplo perfeito de alguém que valoriza a importância da prática. Depois de ter alcançado a iluminação, deu-nos este importante ensinamento: "Abstenham-se de todo o mal, pratiquem apenas o bem, e purifiquem a mente - este é o ensinamento de todos os Budas". Com isto, deixou instruções explícitas para os seres sencientes purificarem as suas mentes através da prática das virtudes e da moral. Quando os não budistas lhe colocavam

questões puramente filosóficas, o Buda permaneceria em silêncio e não lhes responder. As chamadas "catorze perguntas" enquadram-se nesta categoria. Estas perguntas puramente filosóficas são jogos de palavras e não dizem respeito à libertação do sofrimento ou à nossa vida quotidiana. A partir destes episódios, podemos ver que o Buda coloca muita ênfase e significado na prática. O budismo é uma religião que destaca o cultivo; é também uma filosofia que lida com a vida. Especificamente, o caminho do bodhisattva Mahayana baseia-se em pôr em prática o espírito fundamental do Buda.

Como praticamos, então, o caminho dos bodhisattva Mahayana? Deveríamos fazê-lo metodicamente como um estudante que passa pelo sistema educativo. A "escola de bodhisattvas" não é diferente do sistema educacional que começa no jardim-de-infância, no ensino básico, no ensino secundário, na faculdade, e na pós-graduação. O caminho dos bodhisattvas Mahayana também pode ser entendido em termos de fases: a fase dos seres sencientes cujas vidas são caracterizadas pelo sofrimento; a fase dos arhats que estão livres da roda do renascimento; a fase dos bodhisattvas iluminados que cortaram as aflições e os

maus hábitos; e a fase do Budismo ou iluminação final. Mesmo a fase dos bodhisattvas pode ser ainda subdividida em muitas fases, dependendo do nível de prática. A prática dos bodhisattvas Mahayana é caracterizada pelos trinta e sete aspetos do despertar (ou práticas) que nos guiam para a budeidade. Eles são as quatro bases da atenção, os quatro esforços certos, as quatro bases do poder espiritual, as cinco faculdades, as cinco forças, os sete fatores do despertar, e o Nobre Caminho Óctuplo. Estas práticas podem curar todos os maus hábitos e fortalecer a nossa prática. Podem cortar as ilusões e ajudar-nos a viver de acordo com o corpo do Dharma, o corpo dos ensinamentos. São também alimento para a viagem no caminho do bodhisattva. Estes trinta e sete aspetos do despertar tiveram origem no início do budismo, servindo sempre como elementos críticos da nossa prática. De facto, mesmo os bodhisattvas que atingiram os dez motivos continuam a praticar estas condições. Para além destas trinta e sete práticas, os bodhisattvas também praticam os quatro meios de abraçar - dar, palavras amáveis, altruísmo, e empatia - para os guiar para a verdade. A doação pode ser ainda classificada em doação de dinheiro e bens materiais, doação do Dharma e doação

de destemor. A doação deve ser praticada com o triplo vazio da doação. Isto significa que ao dar não se deve ter qualquer ideia de um "eu" como doador, nem de um indivíduo que recebe a dádiva, nem de coisas a serem dadas. Quando damos sem a noção de "eu" como doador, estamos a deixar de lado a noção de "eu". Quando damos sem a noção de recetor, estamos a deixar de lado a noção de dualidades. Quando damos sem a noção de quanto estamos a dar ou o pensamento de recompensa, estamos a deixar de lado a noção de fenómenos. Isto é uma verdadeira doação. Palavras gentis significam falar com bondade e compaixão e deixar transparecer o nosso calor e preocupação pelos outros. O Sutra do Lotus elogia Nagakanya, a filha do rei dragão marinho, com estas palavras: "Com bondade, ela pensa em todos os seres sencientes como seus próprios filhos". As palavras gentis podem ser comparadas às simpáticas palavras calorosas de uma mãe amorosa. Pode dissolver conflitos e transformar a tirania em benevolência. O significado de palavras amáveis é capturado com o ditado: "A fragrância maravilhosa flui da boca de quem fala sem ódio". O altruísmo é uma virtude muito importante e significa que nos envolvemos em atividades que beneficiam todos os seres sen-

cientes, que os guiam para a verdade. De facto, as duas virtudes anteriores de dar e palavras amáveis são atividades de apoio a esta única virtude. Desde que as nossas atividades beneficiem os seres sencientes, não importa quão grandes ou quão insignificantes são as nossas atividades. Durante o período dos Estados beligerantes na China, houve um famoso general de nome Liubei que nos deu este conselho muito perspicaz no seu leito de morte. Ele disse: "Não cometa um ato errado, por menor que seja; não deixe de fazer uma boa ação, por menor que seja". O Buda uma vez ajudou o seu discípulo cego, Aniruddha, a remendar a sua roupa. A partir disto, podemos ver que se não começarmos com pequenos atos de virtude, não há maneira de alcançarmos a grandeza. Mesmo o Buda – o totalmente esclarecido, não deixa passar este pequeno ato de bondade, reparando as roupas para o seu discípulo! Se não devemos deixar passar a oportunidade de fazer as menores das boas ações, não devemos definitivamente perder a oportunidade de nos envolvermos em atividades que podem beneficiar todos os seres sencientes. Finalmente, a virtude da empatia significa que devemos colocar-nos no lugar dos outros para que possamos ensinar de acordo com as suas perspe-

tivas. As trinta e duas manifestações do Bodhisattva Avalokitesvara é um exemplo perfeito de como adaptar os ensinamentos à pessoa e à circunstância. Para aqueles que são gananciosos, ensinamo-los a contemplar os aspectos pouco saudáveis do corpo humano. Para aqueles que estão cheios de raiva, ensinamo-los a contemplar a compaixão. Quando falamos com agricultores, conversamos sobre agricultura; com donas-de-casa, falamos sobre trabalhos domésticos. Isto não é diferente do método de ensino confuciano de dirigir o seu ensino ao público. Em suma, praticar estes quatro meios de abraçar seres sencientes para os orientar para a verdade é um cultivo muito importante para os bodhisattvas.

Os seis paramitas e os dez paramitas são também elementos-chave para se tornar um bodhisattva. Os seis paramitas são as seis formas de levar seres sencientes para a costa do nirvana. Dentro destes seis paramitas, os três paramitas de dar, moralidade e paciência beneficiam outros e são ferramentas para a acumulação de méritos e bênçãos. Os outros três paramitas de diligência, concentração meditativa, e sabedoria prajna beneficiam a si próprio e são alimento para a sabedoria. Assim, a

prática dos seis paramitas traz-nos tanto bênçãos como sabedoria. É também uma forma maravilhosa de compreender e de estar em contacto com o Dharma. A paramita da doação já foi discutida no parágrafo acima. O que é enfatizado aqui é que quando damos, não nos devemos preocupar com o reconhecimento. Quando realmente damos com este espírito, podemos experimentar o que Laozi disse há muitos anos: "Quanto mais damos, mais temos. Quanto mais de vós derdes aos outros, mais de vós próprios haverá". O que isto significa é que quanto mais damos, mais temos, e que não nos faltará nada. A moralidade pode ajudar-nos a controlar a nossa inclinação para fazer mal e a diminuir o efeito kármico das nossas transgressões passadas. Independentemente do preceito que estamos a observar, a importância reside na intenção. Se o nosso comportamento exterior é apenas uma fachada e uma cobertura para as nossas más intenções no interior, então não estamos a viver de acordo com os preceitos. Por outro lado, se as nossas intenções são boas, então estamos a observar os preceitos, mesmo que tenhamos de dobrar um pouco as regras para nos adequarmos à situação. Quando o Sexto Patriarca da Escola de Budismo Chan estava escondido na floresta, ele

vivia entre caçadores e comia com eles. Sob esta situação, só podia comer legumes que já tinham sido cozinhados com carne, mas não era menos cultivado. Quando observamos os preceitos, temos de os observar consistentemente nas nossas mentes e comportamentos, continuamente em todas as ocasiões, e persistentemente em todas as circunstâncias. Ao observarmos os preceitos, podemos inicialmente sentir-nos restringidos e praticar com trepidação. Com o passar do tempo, a prática torna-se instintiva e sente-se à vontade com ela; isto é moralidade na sua forma mais elevada. Em seguida, a paramita da paciência é uma cura para o ódio e um instrumento para descansar o corpo e a mente. Quando somos pacientes, podemos resolver conflitos. Muitos desses exemplos podem ser encontrados no Sutra de Agama. Havia um general muito famoso na história chinesa chamado Han Xin, que era conhecido por ser capaz de suportar insultos. Antes de se tornar famoso, Han Xin foi humilhado e gozado por um rufia que exigia que ele rastejasse entre as pernas. Ele engoliu o seu orgulho e fez o que o rufia lhe exigia. A sua paciência não foi um sinal de fraqueza, mas um facto chave para que mais tarde se tornasse um general famoso. De facto, nunca é demais realçar a força

que pode ser derivada da paciência. Para além dos três paramitas de dar, moralidade e paciência, os bodhisattvas também trabalham com diligência. Quando são firmes na sua prática e recusam desistir, experimentam uma concentração meditativa a partir da qual atingirão a sabedoria prajna. Neste ponto, o alcance do bodhi está à vista.

Os dez paramitas são os seis paramitas acima mencionados mais adaptabilidade, votos, força e conhecimento. A adaptabilidade é uma habilidade que os bodhisattvas empregam para ensinar os seres sencientes de modo que o ensino seja adequado à ocasião e ao ouvinte. Os votos referem-se aos votos que os bodhisattvas prometeram quando embarcaram pela primeira vez no caminho do Buda. Exemplos incluem os dez grandes votos de Samantabhadra Bodhisattva, os doze grandes votos de Buda da Medicina, os doze grandes votos de Avalokitesvara Bodhisattva, os dezoito grandes votos do Bodhisattva Manjusri, e os quarenta e oito grandes votos do Bodhisattva Dharmakara. Outro exemplo são os quatro votos universais de um Buda ou bodhisattva: "Os seres sencientes são ilimitados, eu prometo libertá-los; as aflições são infinitas, eu prometo aprendê-las; os ensinamen-

tos são infinitos, eu prometo aprendê-los; o Buda é supremo, eu prometo alcançá-lo". A promessa dos votos é o que dá aos bodhisattvas a força e o conhecimento para cumprir o caminho dos bodhisattva Mahayana.

Ao longo de três grandes asamkhyeya kalpas, os bodhisattvas praticam os trinta e sete aspetos do despertar, os quatro meios de abraçar, os seis paramitas, e os dez paramitas. Com a prática, os bodhisattvas transcendem gradualmente o ordinário e juntam-se às fileiras dos iluminados. O caminho dos bodhisattvas é um longo caminho que não pode ser terminado instantaneamente. Para atravessar este caminho, é preciso fazê-lo metodicamente, de forma persistente e consistente. Só então se pode passar de uma fase para a seguinte e experimentar o sabor da alegria eterna em cada fase.

CENTRO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO FO GUANG SHAN

Fo Guang Shan International Translation Center dedica-se à tradução e distribuição de traduções de qualidade de textos budistas clássicos, bem como de obras de professores e académicos budistas contemporâneos. Abraçamos o budismo humanista, e promovemos uma escrita budista acessível, orientada para a comunidade, e relevante para a vida quotidiana. Em FGSITC.org pode consultar todas as nossas publicações, lê-las online e até descarregá-las GRATUITAMENTE, bem como solicitar exemplares impressos para si ou para a sua organização.

O GHATA DA TRANSFERÊNCIA DE MÉRITO

Que a generosidade, a compaixão,
a alegria e a equanimidade
permeiem todo o universo;

Que valorizem as bençãos, criem vínculos,
beneficiem o céu e a terra.

Pratiquemos o Chan com pureza,
sigamos os preceitos,
aceitemos tudo com serenidade;

Façamos os Grandes Votos
com humildade e gratidão.

ATIVIDADES DA BLIA PORTUGAL

A BLIA desenvolve uma série de atividades no Templo, para desenvolvimento pessoal, esclarecimento e estudos sobre Budismo.

- Estudos de Budismo em horário pós-laboral e aos sábados;
- Meditação Ch'an;
- Cerimónia do Chá;
- Prática de Caligrafia;
- Cerimónias budistas ao domingo.
- Retiros

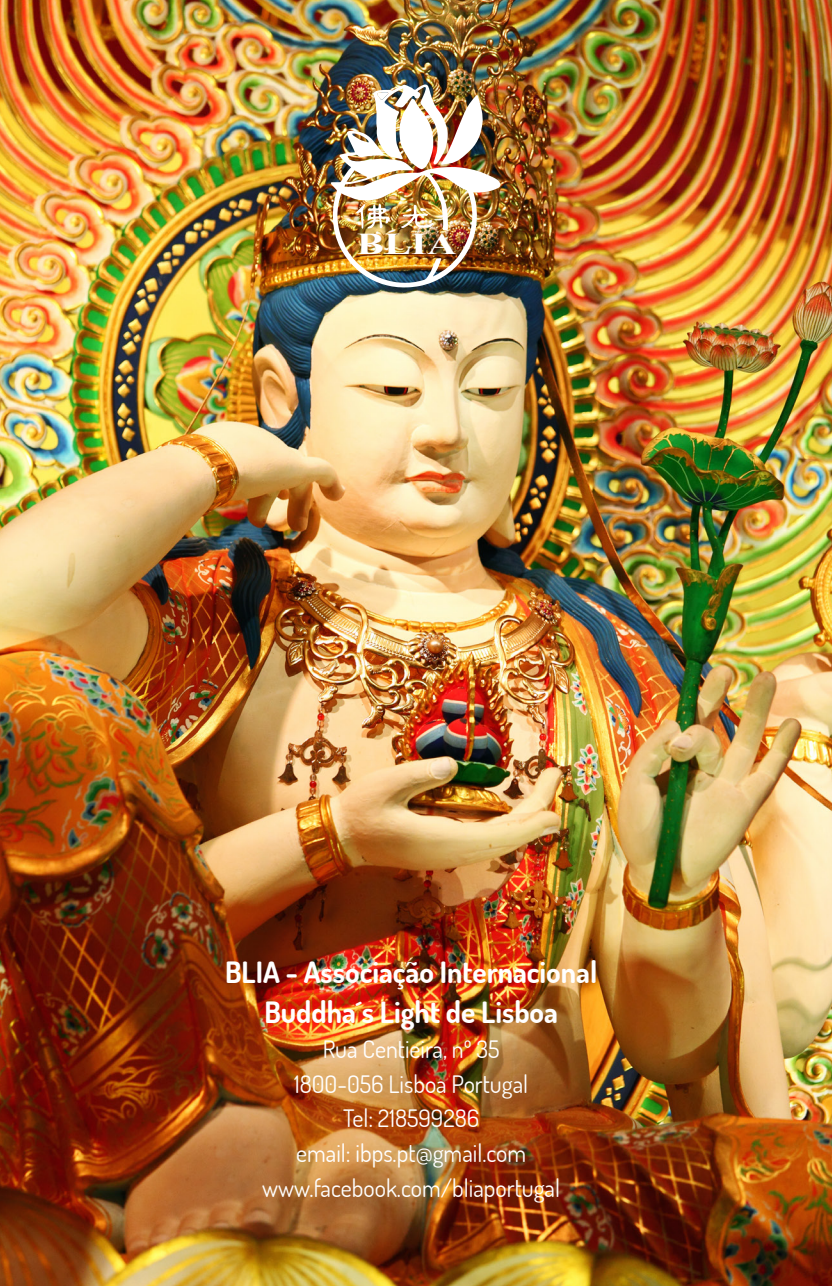
Torne-se associado, ajude a prática do budismo em Portugal.

CONTATOS

BLIA – Associação Internacional Buddha´s Light de Lisboa
Rua Centieira, nº 35
1800-056 Lisboa Portugal

Tel: 218599286
email: ibps.pt@gmail.com
www.facebook.com/bliaportugal

佛光
BLIA



BLIA - Associação Internacional Buddha's Light de Lisboa

Rua Centieira, nº 35

1800-056 Lisboa Portugal

Tel: 218599286

email: ibps.pt@gmail.com

www.facebook.com/bliaportugal